

AS VOZES DE *TORTO ARADO* E A QUESTÃO QUILOMBOLA NO ROMANCE DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Guilherme Amisterdan Correia Lima

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

(amisterdan87@gmail.com)

Francisco José Silva Vasconcelos

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

(franciscojosesilvasvasconcelos@gmail.com)

Resumo

A Literatura Brasileira dispõe, na atualidade, de um grande acervo de obras que retratam, em suas narrativas ficcionais, os diferentes momentos da nossa história. Evidenciam-se os conflitos que cercam a vida em sociedade, funcionando como importante veículo de denúncia e reflexão, capaz de despertar uma consciência coletiva e influenciar a realidade presente. O escritor baiano Itamar Vieira Junior, apresenta à literatura uma obra de caráter denunciativo, que retrata os dilemas de uma comunidade quilombola, que vive em condições análogas à escravidão, lutando pelo reconhecimento identitário e a reparação das desigualdades socioeconômicas, revelando uma realidade que ainda se configura no Brasil pós-moderno. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva analisar a questão quilombola no romance *Torto Arado* (2019), a partir de um protagonismo feminino como foco narrativo, evidenciando as sutilezas e as particularidades do autor. Por meio de uma leitura analítica e uma pesquisa teórico-documental, visamos contribuir qualitativamente com um estudo literário, evidenciando a importância do tema para a historiografia nacional, destacando a singularidade de povos historicamente marginalizados, cuja força vem do trabalho, da relação com a terra e das ancestralidades.

Palavras-chave: Literatura; Cultura; Protagonismo Feminino.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Guilherme Amisterdan Correia Lima

Graduado em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); graduado em Letras (com Habilitação em Língua Portuguesa) pelo Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB); e graduado em Ciências Sociais pela Faculdade Cruzeiro do Sul. Especialista em Análise Regional e Ensino de Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho (UFPI). Mestrando no Programa de Pós-graduação em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professor da Rede Estadual de Ensino da Paraíba.



lattes.cnpq.br/2237200784071746



orcid.org/0009-0004-5575-1554

Francisco José Silva Vasconcelos

Mestrando em ensino de Geografia pelo programa de mestrado profissional em rede Nacional (PROFGEO/UFCG). Especialização em docência e prática da Geografia pela faculdade Focus (2024). Especialização em Geografia escolar pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Possui Graduação em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (2023). Atualmente é professor do ensino básico (Fund II e Médio). Membro do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos sobre Geografia Escolar (LABORGEIO) da Universidade Estadual da Paraíba. Possui experiências e desenvolve pesquisas na área de Geografia Humana, com ênfase em ensino de Geografia, História da Geografia Escolar, Geografia Urbana e Educação Ambiental.



lattes.cnpq.br/1296823540245159



orcid.org/0009-0004-0789-0058

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

AS VOZES DE *TORTO ARADO* E A QUESTÃO QUILOMBOLA NO ROMANCE DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Guilherme Amisterdan Correia Lima

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
(amisterdan87@gmail.com)

Francisco José Silva Vasconcelos

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
(franciscojosesilvavasconcelos@gmail.com)

INTRODUÇÃO

O romance *Torto Arado* (2019), do escritor baiano Itamar Vieira Junior, traz para a literatura uma obra de valor estético e construção peculiar, por meio de uma narrativa de caráter denunciativo. A obra retrata os (des)caminhos de uma comunidade negra rural, que vive em condições análogas à escravidão em luta pelo reconhecimento identitário e o direito à posse de terra, evidenciando, assim, uma realidade que ainda se configura em muitos lugares do Brasil dito pós-moderno.

Os dramas da precarização social e a discriminação com as comunidades remanescentes quilombolas são apresentados no romance como um reflexo profundo da escravidão brasileira, que, apesar de abolida, não garantiu aos ex-escravizados e aos seus descendentes o amparo econômico necessário para a superação dos traumas, que ainda persistem na contemporaneidade.

A resistência cultural, o misticismo brasileiro, a exploração do trabalho humano e as relações de assujeitamento impostas às comunidades tradicionais são retratadas por meio de uma narrativa que mescla elementos literários com questões histórico-geográficas, conferindo ao romance um aspecto verossímil com a realidade social do país.

A cultura é apresentada como um elemento determinante das múltiplas identidades descritas ao longo da narrativa, a partir de uma relação familiar que preserva laços identitários, costumes e práticas sociais que marcam os moradores da Fazenda Água Negra, espaço fictício onde a trama é ambientada, a partir de elementos representativos que atravessam os limites da ficção e encaixam-se no cenário atual, possibilitando diferentes diálogos sobre as lutas e resistências dos povos quilombolas no Brasil.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Partindo desses pressupostos, o presente trabalho objetiva analisar a questão quilombola no romance *Torto Arado* (2019), a partir das vozes narrativas que denotam um protagonismo feminino intencional, evidenciando as sutilezas e as particularidades do autor.

Assim, a primeira parte do nosso trabalho apresenta uma síntese sobre a vida e obra do autor em questão, destacando sua trajetória enquanto pesquisador, escritor e servidor público, além dos elementos que contribuíram para a escrita do romance. Em um segundo momento, desenvolvemos uma análise sobre as narradoras do romance e a configuração da identidade quilombola construída a partir dessas vozes. Destaca-se a importância dos discursos no contexto social criado pelo autor, com ênfase na trajetória de luta e resistência das comunidades quilombolas, na tentativa de superar os danos advindos da opressão histórica enraizada na sociedade brasileira.

Por meio de uma leitura analítica e uma apreciação teórico-documental, visamos a contribuir qualitativamente com um estudo literário, evidenciando a importância da temática dos povos quilombolas para a historiografia nacional e a literatura.

ITAMAR VIEIRA JUNIOR – VIDA E OBRA

O autor baiano Itamar Rangel Vieira Junior é geógrafo e antropólogo social com doutorado em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde desenvolveu diversas pesquisas etnográficas sobre a formação de comunidades tradicionais no Nordeste brasileiro. É escritor dos livros de contos *Dias* (2012) e *Oração do Carrasco* (2017), *Salvar o fogo* (2023), e ganhador dos prêmios Jabuti e Oceanos, pelo festejado romance *Torto Arado*, presenteando a literatura brasileira por meio de seus escritos e narrativas ficcionais (Scalia, 2021).

Além de pesquisador e escritor, Vieira Junior foi analista do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), órgão responsável pela identificação e regulamentação das terras e assentamentos rurais no Brasil, obtendo contato com os Grupos Populacionais Tradicionais Específicos (GPTE) – indígenas, quilombolas, ribeirinhos, entre outros, que serviram de inspiração para a construção do romance.

Feita a apresentação sobre a vida e a obra do autor, Corsini (2021) nos afirma que *Torto Arado* (2019) parece ter sido um exercício de dar voz às histórias e às experiências das pessoas que Vieira Junior encontrou ao longo de suas pesquisas etnográficas. Com base nesta relação de autor e obra, podemos perceber que o romance é pensado em um cenário real e familiar do escritor, a partir de suas vivências e heranças culturais.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Em diálogo com o que a pesquisadora Djamila Ribeiro (2017) denomina “lugar de fala”, entendido como o ponto a partir do qual cada pessoa compreende e interpreta o mundo, cercado por elementos estruturais como a classe, a raça e o gênero, podemos pensar o discurso presente no romance como um sistema que estrutura um imaginário social em uma relação de poder e controle, que se materializa nas ações das personagens e transmite ao leitor uma visão de mundo político-social, fruto das vivências e do “lugar de fala” ocupado pelo escritor.

Ao escrever sobre o legado traumático da escravidão em *Torto Arado* (2019), Fernandes (2021, p. 230) propõe que “o romance se faz um instrumento político não apenas por abordar um tema ainda raro na literatura brasileira, mas também pelas possibilidades de contribuição para uma reflexão crítico-social ao nível mais amplo”. Assim, o romance é tido como um importante elemento de insubordinação social, pois promove a reflexão e a crítica, quando leva o leitor a pensar sobre a realidade dos povos quilombolas e a necessidade de políticas públicas e visibilidade na sociedade.

A NARRAÇÃO COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO: AS VOZES DE *TORTO ARADO*

Do ponto de vista narrativo, o romance de Itamar Vieira Junior apresenta-se como uma obra de grande sutileza e criatividade estética, trazendo para o público-leitor uma história narrada em primeira pessoa por protagonistas femininas, com foco na genealogia familiar e na trajetória de luta e sobrevivência dos povos quilombolas, recursos que marcam a memória afetiva das personagens Bibiana, Belonísia e a entidade do Jarê, Santa Rita Pescadeira.

O silenciamento imposto aos povos tradicionais funciona como o elemento desencadeador da narrativa, aparecendo simbolicamente na primeira cena do romance, em uma ação praticada pelas irmãs Bibiana e Belonísia, filhas de José Alcino, conhecido como Zeca Chapéu Grande.

Um objeto cortante encontrado por elas na mala de roupas de sua avó provoca um grave acidente, fazendo uma delas perder a língua e ter a vida marcada pela afonia. A outra, apesar de ferida, consegue manter a fala, passando a reproduzir os sons, os desejos e as vontades daquela que emudeceu, em uma relação de cumplicidade que se entrelaça para além do fator biológico existente entre elas:

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim. Foi assim que crescemos, aprendemos a roçar, observamos as rezas de nossos país, cuidamos dos irmãos mais novos. Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisávamos ser. (Junior, 2019, p. 24)

A situação descrita, ocorrida com as irmãs, é utilizada estrategicamente pelo autor, que mantém em segredo do público qual das personagens perdeu a fala, em um jogo de suspeições que vai se revelar durante a narrativa, ao conhecermos as histórias das filhas de Salustiana, que trilham caminhos diferentes ao longo da vida e vivenciam momentos de separações e reencontros a partir dos laços que as unem.

Existem muitas formas de contar uma história, e o narrador é responsável por transpor as criações públicas do autor, por meio da construção de sons, imagens e diálogos que se materializam nas percepções, subjeções e pontos de vista do leitor. Bakhtin (1981) nos traz a informação de que o romance moderno tem como característica a narrativa polifônica, utilizada para construir as experiências, as memórias e as visões de mundo (neste caso, das protagonistas), por meio das vozes que materializam as ações e os acontecimentos que movem a trama.

Seguindo essa concepção, encontramos em *Torto Arado* (2019) uma narrativa escrita em prosa, dividida em três partes, com uma sequência de fatos contados de forma polifônica, interligada a uma relação temporal e ao desenvolvimento de um enredo que provém das ações das personagens protagonistas. É, portanto, fictício, pertencente ao universo de criação do autor, ainda que consiga estabelecer um diálogo com a realidade existente no Brasil contemporâneo, constituindo o que Fernandes (2021) denomina “registros de múltiplas camadas”, que ora se sobrepõem e ora se complementam, fortalecendo a compreensão do leitor sobre as intencionalidades da obra.

A primeira parte do livro, intitulada “Fio de Corte”, apresenta a precariedade de vida dos moradores da Fazenda Água Negra, que vivem em condições de assujeitamento por parte do dono das terras, que explora as famílias no trabalho agrícola sem oferecer condições necessárias à dignidade humana, em uma relação de sujeição hereditária. Essa relação se torna evidente nos relatos de Bibiana:

Anos depois do acidente que emudeceu uma de suas filhas, meu pai, incentivado por Sutério, havia convidado o irmão de minha mãe para residir em Água Negra. O gerente queria trazer gente que “trabalhe muito” e “que não tenha medo de trabalho”, nas palavras de meu pai, “para dar seu suor na plantação”. Podia construir casas de barro, nada de alvenaria, nada que

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescem substituiriam os mais velhos. (Junior, 2019, p. 41)

Por meio da primeira protagonista, conhecemos a família de Zeca Chapéu Grande e Salustiana, figuras importantes no cotidiano da fazenda por exercer, além do trabalho agrícola, uma liderança religiosa, cuja influência os coloca como mediadores dos vários conflitos oriundos das relações afetivas desenvolvidas pelos moradores da comunidade.

Ao longo da narrativa, o leitor acompanha o crescente empoderamento da personagem que nasce dos anseios de liberdade influenciados pelo seu primo Severo, com quem desenvolve um romance, que a impulsiona a deixar Água Negra, retornando anos mais tarde para liderar um movimento de resistência na comunidade. Tal aproximação faz Bibiana compreender sua condição de assujeitada, resultando em ações de liderança frente à luta quilombola:

Não queria também viver o resto da vida ali, ter a vida de meus pais. Se algo acontecesse a eles, não teríamos direito à casa, nem mesmo à terra onde plantavam sua roça. Não teríamos direito a nada, sairíamos da fazenda carregando nossos poucos pertences. (Junior, 2019, p. 83)

Pela narrativa, percebemos a falta de amparo e de justiça social como aspectos marcantes na vida dos moradores da Fazenda. “Não ter direito a nada” é sinônimo de eles não serem reconhecidos como cidadãos e não usufruírem de condições básicas necessárias à dignidade humana, contexto social recorrente aos povos tradicionais no Brasil contemporâneo.

Somam-se a esta narrativa as questões espirituais com os encantados, por meio das rodas de Jarê, o que, segundo Banaggia (2007), pode ser entendido como uma espécie de Candomblé de caboclos recorrentes na região da Chapada Diamantina. Um elemento religioso de grande importância cultural, por fortalecer a identidade e os laços de ancestralidade da comunidade com os seus antepassados.

A religião é descrita como um elemento de agregação e união entre os moradores, mas também como um mecanismo de controle e resolução de conflitos sociais, uma vez que as famílias não dispõem de programas assistenciais e recursos na área da saúde e da educação, utilizando-se, muitas vezes, da influência religiosa para exigir a garantia desses direitos aos representantes políticos da região.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

O patriarca da família, Zeca Chapéu Grande, é apresentado como uma liderança, cuja influência provém da submissão ao mundo espiritual. Submissão esta que o coloca em uma situação de servidão diante dos encantados, tendo, muitas vezes, que abdicar da imagem de líder e “pai de família” para receber em seu corpo entidades femininas nas rodas de Jarê.

Segundo Santos (2021), existe no Jarê a ideia de que os adeptos estão cumprindo uma missão, de modo que não podem pela própria vontade livrar-se dos rituais e crenças, sob pena de arcar com castigos advindos a seus familiares. Esse aspecto apresentado pela pesquisadora funciona como elemento de justificativa para o comportamento submisso das personagens frente às entidades espirituais.

Tal relação de submissão, unida aos objetos sagrados, como o quarto dos santos, as vestimentas para os rituais, as ervas e os xaropes medicinais, constrói uma identidade que se materializa no cotidiano e nas memórias da narradora, situando o leitor em um ambiente dinâmico, movido pelas crenças e pela reprodução da vida.

A segunda parte, intitulada “Torto Arado”, é narrada pela segunda protagonista, em um misto de memórias e recordações que cercam suas vivências na Fazenda Água Negra, apresentando suas angústias, seus ressentimentos para com a irmã Bibiana e as incertezas da vida, marcada pelas relações de exploração e das sujeições que lhe foram impostas, seja pela opressão de classe, seja pela opressão de gênero.

Semelhante à primeira parte do romance, os relatos de Belonísia não seguem uma linearidade narrativa, mas um fluxo de memórias com forte caracterização de aspectos psicológicos da personagem que estão relacionados a acontecimentos e ações vivenciadas na infância e na juventude das irmãs, bem como a histórias que lhe foram contadas pelos mais velhos.

Cresci escutando as histórias de José Alcino, meu pai, o Zeca Chapéu Grande. Algumas vinham de sua própria energia e disposição para contá-las aos filhos, de sangue ou de santo. Mas grande parte vinha da memória de minha mãe, que já ouvia histórias sobre meu pai antes mesmo de se conhecerem e de receber proposta para viver com ele. (Junior, 2019, p. 164)

Por meio da personagem Belonísia, Itamar Vieira Junior constrói uma narrativa cercada de temáticas sociais relevantes que se conectam à mensagem central do romance, formando as múltiplas camadas citadas anteriormente. Percebemos um forte apelo da obra em relação à violência contra a mulher, fundamentada na exploração do trabalho doméstico, da servidão sexual e dos atos de opressão física e psicológica sofridos pelas personagens Bibiana e Maria Cabocla, causados pelos seus companheiros Tobias e Aparecido, respectivamente.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Torna-se evidente que a relação de assujeitamento imposta aos moradores da Fazenda Água Negra tem suas raízes na opressão racial. Contudo, amplia-se em outros tipos de opressões, com ênfase nas questões de gênero, uma vez que as mulheres sofrem com mais intensidade os açoitamentos das injustiças sociais, tornando o dilema da exploração ainda mais complexo. Tal questão nos permite compreender a intenção proposital do autor, ao apresentar uma narrativa protagonizada por mulheres, em meio à prevalência do patriarcado e do machismo operante, promovendo uma quebra de silêncio ao enfatizar a importância dos povos quilombolas por meio das memórias afetivas das personagens femininas.

O silêncio marcou a vida “daquela que perdeu a voz”, mas foi capaz de falar por meio de sua trajetória de luta e resistência, construindo uma importante conexão com os movimentos quilombolas da atualidade, que são, por vezes, silenciados e invisíveis ao Poder Público, buscando o respeito de seus “lugares de fala” e o reconhecimento enquanto sujeitos de direitos.

Outro aspecto de relevância na narrativa diz respeito à falta de políticas públicas educacionais, evidentes na luta da personagem Belonísia para se alfabetizar na comunidade em que residia após muitas solicitações do líder Zeca Chapéu Grande ao prefeito da cidade para a construção de uma escola.

A proposta de ensino da Fazenda Água Negra apresenta-se desvinculada da realidade, incapaz de contemplar a sabedoria popular oriunda da experiência do trabalho servil e da relação de apego e uso da terra, não como objeto de interesses e disputas econômicas, mas de vida, como aprendeu a personagem Belonísia a partir dos contatos que teve com o seu pai, nas muitas visitas que faziam à mata:

Com Zeca Chapéu Grande me embrenhava pela mata nos caminhos de ida e de volta, e aprendia sobre as ervas e raízes. Aprendia sobre as nuvens, quando haveria ou não chuva, sobre as mudanças secretas que o céu e a terra viviam. Aprendia que tudo estava em movimento – bem diferente das coisas sem vida que a professora mostrava em suas aulas. (Junior, 2019, p. 99)

Apesar da pouca escolaridade e do baixo nível de instrução que marcam os moradores de Água Negra, existia um conhecimento advindo das lições de vida e de tudo aquilo que a relação com a terra poderia produzir, bem como o entendimento evidente na fala do personagem Zeca Chapéu Grande de que a educação pode transformar a realidade de vida de um povo: “Mas pessoas como nós, quando viam o orgulho que sentia dos filhos aprendendo a ler e do valor que davam ao ensino, sabiam que essa era o bem que mais queria poder nos legar” (Junior, 2019, p. 66).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Desse modo, a partir dos pensamentos nutridos pelo personagem, o leitor é levado a analisar a importância da educação enquanto extensão da vida, vinculada à realidade dos educandos, de modo a contemplar as suas dimensões políticas, econômicas e sociais, tornando-se um instrumento de poder e transformação social.

A narrativa de Belonísia evoca a importância da educação como um direito, por vezes negado aos povos tradicionais no Brasil, destacando a importância de uma proposta curricular que respeite a identidade dos povos quilombolas e esteja voltada a atender necessidades e especificidades das comunidades remanescentes.

Apesar de existir uma relação de interdependência entre essas vozes narrativas de *Torto Arado* (2019), a última voz é a que mais contempla o leitor com informações que remetem à trajetória de opressão sofrida pelos povos quilombolas, pois parte de alguém que observou, conheceu e habitou entre os trabalhadores por várias gerações, lutando para que a cultura do povo não fosse apagada com as mudanças ocorridas pelo tempo.

Assim, em “Rio de Sangue”, última parte do romance, o leitor é surpreendido por uma terceira voz feminina conduzindo a narrativa. Trata-se da encantada Santa Rita Pescadeira, entidade que, nos últimos anos, habitou o corpo de Miúda, uma mulher solitária, dotada de um caráter forte e frequente nas brincadeiras de Jarê, promovidas por Zeca Chapéu Grande.

A narrativa de Rita Pescadeira coroa a trama com informações pertinentes ao leitor sobre as condições de assujeitamento hereditário que viviam os trabalhadores antes da chegada na fazenda. Tal aspecto alinha-se aos registros históricos do surgimento e desenvolvimento do Jarê na região da Chapada Diamantina. Segundo Santos (2021), as poucas pesquisas acadêmicas apresentadas sobre as crenças e rituais do Jarê apontam a relação dele com a atividade garimpeira ao longo do século XIX.

A corrida pelos metais preciosos fez atrair para a Chapada pessoas de diferentes lugares do mundo, entre eles, estrangeiros árabes, judeus e africanos, o que reforça a relação de ancestralidade dos povos quilombolas com seus antepassados. Senna (1973 *apud* Santos, 2021) afirmava em seus escritos que existe uma forte corrente que atribuía a origem das práticas do Jarê às mulheres negras escravizadas, denominadas “Nagôs”; e, posteriormente, a crença passou por modificações introduzidas a partir da chegada de um “curador raiz”, incorporando também a figura dos caboclos aos rituais.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Na condição de encantada, “montando” o corpo de seres humanos, Rita Pescadeira acompanhou a saga do diamante, o sistema de escravidão e a sujeição do povo na Fazenda Caxangá, bem como a chegada em Água Negra, contribuindo na luta por justiça social, ao passo em que entrevistou no acontecimento final, reunindo mais uma vez as irmãs Bibiana e Belonísia em um ato de cumplicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura Brasileira apresenta-se como um importante acervo cultural, por apresentar ao público-leitor obras de importante valor temático, podendo ser também um veículo de denúncia ao promover a reflexão e o debate acerca das desigualdades e injustiças sociais.

O romance *Torto Arado* (2019) destaca-se pela sutileza e os múltiplos elementos narrativos utilizados pelo autor, evidentes na ousadia de expor um Brasil que emerge em meio à modernidade, fruto da necessidade de políticas públicas, garantia de direitos e visibilidade aos povos tradicionais. O discurso presente perpassa os limites da ficção e dialoga com a realidade política do país nos rastros do passado escravista e da trajetória de luta das comunidades remanescentes, que ainda convivem com a precarização, a carência de recursos e de assistência social.

O protagonismo feminino, presente na narrativa, contribui estrategicamente para a consolidação do enredo. As falas das protagonistas conectam o discurso do silenciamento imposto aos povos quilombolas a outras temáticas sociais relevantes, como a exploração do trabalho doméstico, a servidão sexual, os atos de opressão física e psicológica, a carência de recursos assistenciais e a precarização de vida, tornando os danos da opressão racial um dilema ainda mais complexo.

A comunidade de Água Negra, descrita no romance, funciona como um recorte das muitas comunidades quilombolas existentes no território brasileiro, que vivem em condições análogas à escravidão, lutando pela preservação da cultura e a garantia dos direitos sociais.

A identidade cultural dos povos remanescentes resulta das identificações afetivas e simbólicas, das relações de ancestralidade e uso da terra, bem como a trajetória de luta e sobrevivência, que une os indivíduos em uma coletividade e desencadeia o ativismo social. Romper o silêncio é situar essas comunidades em um contexto sociocultural e contribuir para o reconhecimento das múltiplas identidades na tentativa de superar os danos advindos da desigualdade e da opressão histórica enraizados na sociedade brasileira.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Editora Forense - Universitária, 1981.

BANAGGIA, Gabriel. Conexões Afroindígenas no Jarê da Chapada Diamantina. In: 40º Encontro Anual da ANPOCS. *Revista de Antropologia da UFSCAR*, 2017, pp. 123-133.

CORSINI, Leonora. *Torto Arado* e o encontro com o Brasil profundo. *Nova perspect. sist.*, São Paulo, v. 30, n. 70, pp. 114-117, ago. 2021. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412021000200011. Acesso em: 12/01/2023.

FERNANDES, Joyce. O legado traumático da escravidão em *Torto Arado*. *Revista Entrelaces*, Ceará, v. 11, n. 23, p. 229-246, jan.-mar. 2021. Disponível em: periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/60511. Acesso em: 12/01/2023.

INCRA, *Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária*. Brasil: 1970.

JUNIOR, Itamar Vieira. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, C. A. O Curador do Jarê: Saberes e Práticas Tradicionais na Chapada Diamantina. *Afros & Amazônicos*, v. 2, n. 4, 2021. Disponível em: periodicos.unir.br/index.php/afroseamazonicos/article/view/6992. Acesso em: 12/04/2023.

SCALIA, Liana Aragão. *Torto Arado* é literatura engajada. *Fórum Lit. Bras. Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, pp. 243-251, jun. 2021. Disponível em: revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/41647. Acesso em: 12/01/2023.

Recebido em: 14/06/2024

Aceito em: 03/08/2024

Publicado em: 30/12/2024

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

THE VOICES OF *TORTO ARADO* AND THE QUILOMBOLA ISSUE IN ITAMAR VIEIRA JUNIOR'S NOVEL

Guilherme Amisterdan Correia Lima

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

(amisterdan87@gmail.com)

Francisco José Silva Vasconcelos

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

(franciscojosesilvavasconcelos@gmail.com)

ABSTRACT

Brazilian Literature offers at present, a large collection of works that depict in its fictional narratives, the different moments of our history. The conflicts that surround life in society are highlighted, functioning as an important means of denunciation and reflection, capable of awakening a collective conscience and influencing the present reality. The writer Itamar Vieira Junior presents literature with a work of a denunciatory nature that depicts the dilemmas of a quilombola community, living in conditions similar to slavery, fighting for identity recognition and reparation for social economic inequalities, revealing a reality that still exists in post-modern Brazil. Therefore, this paper aims to analyze the quilombola issue in the novel *Torto Arado* (2019), from the female protagonist as a narrative focus, evidencing the subtleties and particularities of the author. Through analytical reading and theoretical-documentary research, we aim to make a qualitative contribution with a literary study, evidencing the importance of the theme for national historiography, highlighting the remnant singularity of historically marginalized peoples, whose strength comes from the work, their relationship with the earth and their ancestries.

Keywords: Literature; Culture; Female Protagonism.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

LAS VOCES DE *TORTO ARADO* Y LA CUESTIÓN QUILOMBOLA EN LA NOVELA DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Guilherme Amisterdan Correia Lima

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
(amisterdan87@gmail.com)

Francisco José Silva Vasconcelos

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
(franciscojosesilvasvasconcelos@gmail.com)

RESUMEN

La literatura brasileña cuenta actualmente con un extenso acervo de obras que retratan, en sus narrativas ficticias, los diferentes momentos de nuestra historia, destacando los conflictos que rodean la vida en sociedad, funcionan como importantes vehículos de denuncia y reflexión, capaces de despertar una conciencia colectiva y influir en la realidad actual. El escritor Itamar Vieira Junior presenta la literatura con una obra de carácter denunciante que retrata los dilemas de una comunidad quilombola, que vive en condiciones similares a la esclavitud, que lucha por el reconocimiento de la identidad y la reparación de las desigualdades socioeconómicas, revelando una realidad que aún configura en el Brasil posmoderno. En este sentido, este trabajo tiene como objetivo analizar la cuestión quilombola en la novela *Torto Arado* (2019), con un enfoque narrativo en una protagonista femenina, destacando las sutilezas y particularidades del autor. A través de una lectura analítica y una investigación teórico-documental, pretendemos contribuir cualitativamente a un estudio literario, resaltando la importancia del tema para la historiografía nacional y la singularidad de personas históricamente marginadas, cuya fuerza proviene del trabajo, su relación con la tierra y ascendencia.

Palabras-chave: Literatura; Cultura; Protagonismo femenino.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------